

É excepcional ver uma tese de doutorado trazer tantos e tão importantes resultados como a defendida por Leopoldo Fulgencio, em 2001, cuja versão revista e substancialmente ampliada o leitor encontrará no presente livro. O projeto de pesquisa elaborado e seguido por Leopoldo, com a ajuda da minha orientação, permitia, decerto, esperar contribuições novas e interessantes, pois dava prosseguimento a uma linha de pesquisa que já havia se revelado frutífera em vários trabalhos anteriores bem-sucedidos. Mas era difícil antever a riqueza e a solidez das realizações alcançadas.

De fato, desde meados dos anos 1980, uma série de orientandos meus, na Unicamp e, depois, na PUC-SP, e, mais recentemente ainda, na PUC-RS, começou a desenvolver as principais idéias que apresentei na minha própria tese de doutorado, em 1982, intitulada *Scientific Problem-Solving in Kant and Mach*. Nesse trabalho, eu defendia, como posição de fundo, a conjugação de uma concepção heurística da ciência com a interpretação heurístico-semântica do projeto crítico de Kant e com as diferentes vertentes da epistemologia contemporânea – entre elas, a “filosofia do como se” do neokantiano Vaihinger, autor que, por sua vez, se confessava próximo do “ponto de vista do ideal” atribuído a Kant por Lange, do positivismo de Mach, do ficcionalismo de Nietzsche e do pragmatismo de Peirce. O meu propósito geral era (e continua sendo) articular esse conjunto de idéias numa *epistemologia heurística*, apoiando-me em resultados das pesquisas especializadas mais recentes

e nas obras de dois filósofos capitais que, desde aquele período, sinalizam, para mim, de modo decisivo, o caminho do pensamento: Carnap e Heidegger.

A concepção heurística do conhecimento científico que eu tinha em vista pode ser resumida na afirmação de que a ciência é uma atividade de resolução de problemas, tanto factuais como os produzidos pelo nosso aparelho cognitivo, e que as doutrinas científicas são produzidas, em primeiro lugar, como quadros que permitem a formulação adequada de problemas e a elaboração de procedimentos de sua resolução e, em segundo lugar, como soluções de problemas efetivamente investigados. A finalidade da atividade científica não é, portanto, a busca de verdades definitivas sobre coisas tal como elas são em si mesmas, mas a obtenção de respostas corretas a perguntas com sentido. A constituição desse tipo de saber pressupõe a objetificação do mundo, processo que transforma as coisas em conjuntos de dados representacionais a serem colhidos por operações perceptivas ou mesmo intrusivas (experimentos) e, em seguida, processados por fórmulas, expressas de preferência na linguagem matemática, visando a determinação – no sentido de previsão e, no caso ideal, de cálculo – de novos dados, em particular, a produção de coisas. Em virtude do processo de objetificação, baseado, como diz Heidegger, na representatividade e calculabilidade de tudo o que há, ficam assegurados o domínio e o controle do homem sobre o mundo. Diferentemente de Heidegger, acabei concluindo que a destruição do mundo natural pela objetificação ocorre menos em nome da vontade de poder do que em virtude das exigências internas do processo de amadurecimento dos seres humanos.

Essa concepção foi apoiada, mais ou menos diretamente, em resultados conhecidos na época, obtidos por diferentes disciplinas, entre elas a lógica das questões (Prior, Harrah, Belnap), as teorias da calculabilidade (Turing), da decidibilidade e da probabilidade (Carnap), os estudos sobre a inteligência artificial (Newell, Simon),

a história da ciência desde o ponto de vista heurístico (Hanson, Kuhn), teorias do desenvolvimento da capacidade cognitiva e moral (Piaget) e do amadurecimento pessoal (Winnicott), a própria história do processo de objetificação da natureza tal como aconteceu na ciência e na metafísica ocidentais e a metafísica entendida como doutrina dirigida para a especificação de condições de calculabilidade do real (Heidegger).

Na história do processo de objetificação da natureza, um papel central foi desempenhado por Descartes. Foi precisamente o estudo de Descartes que me levou, no início dos anos 70, ao reconhecimento do fato de que a sua filosofia representa uma etapa essencial no desenvolvimento da teoria metafísica das condições de calculabilidade do real. Essa perspectiva heurística sobre a teoria da ciência cartesiana foi reforçada pelo papel atribuído por Kuhn, em *Estrutura das revoluções científicas* (1970), ao “paradigma filosófico” cartesiano no surgimento do paradigma newtoniano da ciência moderna da natureza, fornecendo os elementos centrais dos componentes metafísico e heurístico desse paradigma, com inspiração, não em *Elementos* de Euclides, que apresentam a doutrina geométrica já pronta, mas em textos de geômetras gregos, entre eles Pappus e Apolônio, que descrevem as sucessivas etapas de resolução de problemas matemáticos. Por essa razão, afastei-me definitivamente da interpretação gueroultiana, então dominante no Brasil, do cartesianismo como um sistema dedutivo de verdades primeiras, evidentes e objetivamente verdadeiras, construído segundo o modelo euclidiano.

No final da década de 1970, seguindo uma observação de Carnap, feita na sua *Construção lógica do mundo* (1928), aproximei esse Descartes heurístico da filosofia transcendental e, em particular, do programa kantiano da crítica da razão pura. Acabei concluindo que a analítica kantiana do entendimento consiste de uma semântica *a priori*, que essa semântica é utilizada para formulação e resolução de problemas filosóficos, bem como para assegurar que

os problemas das ciências empíricas se tornem solúveis (decidíveis) em princípio; que a dialética kantiana da razão pura estuda os problemas filosóficos insolúveis devido ao uso da semântica errônea do realismo metafísico; que a teoria kantiana de razão prática trabalha com uma semântica ampliada, que permite a fundamentação de um discurso prático autônomo, distinto do discurso teórico; e que a filosofia transcendental de Kant, considerada no seu todo, tornou-se o paradigma que passou a figurar, como componente filosófico, nas mais diferentes ciências positivas, desde a psicanálise (Freud) até a mecânica quântica (Heisenberg), além de servir de horizonte intransponível no qual se desenvolveu a discussão filosófica decisiva do século XX – não somente entre os neokantianos, mas também na tradição analítica (Carnap) e na histórica (Heidegger).

Essa perspectiva heurística sobre o saber científico, o pensamento de Kant e a herança kantiana chamou a atenção de uma série de pesquisadores jovens, que detalharam os pontos específicos em uma série de trabalhos posteriores, complementando, de modo significativo, as minhas próprias pesquisas. Surgiram assim os estudos sobre a metodologia tanto cartesiana como kantiana, em particular, sobre o uso do método de análise e síntese por esses dois autores e na tradição científica e filosófica ocidental em geral (desde Aristóteles e Hobbes até Rawls), bem como sobre a semântica transcendental de Kant e o seu método especulativo, que inclui o recurso ao esquematismo analógico (construções auxiliares) das idéias, tanto teóricas como práticas. Outros trabalhos explicitavam o surgimento do projeto crítico kantiano, restrito, inicialmente (em 1781), à razão teórica e, posteriormente, ampliado para abranger a razão pura no seu todo. Além disso, alguns desses estudos fizeram a abordagem semântico-heurística das ciências factuais, desde a física de Newton até a psicanálise de Freud, a fim de mostrar o uso dos modos de teorização preconizados pelo paradigma kantiano, em particular, o

caráter essencialmente objetificador, heurístico e sistematizador da metapsicologia freudiana, traços pelos quais ela se distanciava de qualquer interpretação realista.

Foi dentro dessa linha de pesquisa – que alguns chamam de Escola Kantiana de Campinas, por influenciar, de forma crescente, pesquisas dentro e fora da Unicamp e por ter seus resultados confirmados pelos recentes desenvolvimentos no exterior, em particular, nos EUA (Robert Hanna) – que Leopoldo desenvolveu o seu projeto de estudo do método especulativo em Freud. Quando começamos a trocar idéias sobre as possíveis leituras da psicanálise, em 1996, em Paris, ele se recuperava de uma desilusão deleuziana. Recomendei-lhe, como saída, a leitura cuidadosa de Freud. Seguindo essa recomendação, Leopoldo surpreendeu-se com o fato de o fundador da psicanálise recorrer sistematicamente a analogias. Não foi difícil convencê-lo de que se tratava de um recurso inspirado na metodologia de Kant, mais precisamente na transformação, operada por Kant, da metafísica em um paradigma de pesquisa científica positiva. De início, Leopoldo concentrou-se em dois aspectos da filosofia kantiana: a metafísica da natureza, parcialmente ficcional e meramente metodológica, e o método analógico, incluindo o esquematismo físico das idéias práticas, para, em seguida, pesquisar a recepção desses aspectos em Freud, em particular, na concepção da metapsicologia como supra-estrutura especulativa descartável. Simultaneamente, ele aprofundava as pesquisas campineiras sobre as relações de Freud com as duas tradições científicas alemãs de inspiração kantiana: a Escola de Helmholtz, da qual Freud foi seguidor confesso, e o círculo do seu ilustre contemporâneo e também vienense, Ernst Mach. Depois da tese pronta, o desenvolvimento mais importante da pesquisa de Leopoldo nessa área foi, sem dúvida, o seu estudo da concepção kantiana da psicologia empírica como uma ciência natural, que complementava o do uso do método especulativo nessa ciência.

O fruto dessas pesquisas, conduzidas com a maior precisão filológica e análise conceitual exemplar, é um conjunto impressionante de resultados, expostos numa linguagem precisa e de leitura agradável, que documentam, de modo nunca feito antes na historiografia da psicanálise, dois pontos centrais: a filiação kantiana de Freud, não apenas no que diz respeito ao método especulativo, mas também relativamente à distinção entre a psicologia factual e especulativa nos dois autores, e a proximidade de Freud a Mach. Com isso, o trabalho de Leopoldo afastou, definitivamente, as dúvidas daqueles que sustentam que, para Kant, a psicologia não era possível como ciência e que, portanto, não havia como falar do kantismo do psicólogo Freud, além de contribuir, de forma altamente significativa, para a história da psicologia alemã do século XIX. Trouxe, ainda, evidências adicionais, da maior relevância, para o reconhecimento da existência, em Freud, da distinção entre a psicanálise clínica e a metapsicologia psicanalítica.

Ao elaborar esse último ponto, Leopoldo apresentou elementos capitais também para a tese de que uma psicanálise sem a metapsicologia tradicional é perfeitamente concebível. Por um lado, ele fortaleceu, ainda que apenas indiretamente, a posição dos estudos recentes, que tentam substituir a metapsicologia especulativa de Freud, do tipo psicológico, kantiana, datada e em crise, por uma metapsicologia não-especulativa, baseada na neurociência positiva natural. Por outro lado, seu trabalho ajuda a manter aberta e alargar uma outra perspectiva – a de uma psicanálise sem qualquer metapsicologia. Uma tal disciplina não somente é concebível, como ela de fato já existe. Trata-se da psicanálise winnicottiana, tal como vem sendo reconstruída, desde 1995, na Escola Winnicottiana de São Paulo – como uma ciência da experiência do amadurecimento pessoal, baseada numa matriz disciplinar cujo componente filosófico e metodológico pode ser reconstruído a partir da analítica existencial de Heidegger. Segundo essa interpretação, Winnicott produziu um

saber que não é de produção, mas de compreensão e de participação – as interpretações psicanalíticas clássicas são feitas a fim de produzir modificações no analisando – e que é livre não somente de toda metapsicologia, mas também de todo naturalismo metafísico, bem como dos imperativos do método. Esse é um resultado decisivo, visto que desloca a psicanálise do campo das ciências naturais (posição de Freud) para o das humanas (posição de Winnicott: a psicanálise é um estudo não da natureza – máquina – no homem, mas da natureza humana), concebidas e articuladas não mais com a ajuda dos paradigmas filosóficos objetificantes, como os de Descartes e Kant, inicialmente considerados por Kuhn, mas mediante recurso ao paradigma filosófico não-naturalista, mesmo pós-metafísico, interpretativo e não-objetificante, e no qual Heidegger desenvolveu a sua hermenêutica filosófica do existir e do acontecer humanos. Alguns elementos dessa nova matriz foram de fato identificados por Kuhn nos seus escritos tardios, sob a influência de Charles Taylor, mas não integrados numa visão geral pós-ontológica e pós-metafísica das ciências humanas.

O presente livro de Leopoldo é a prova clara de que, depois de uma fase pioneira ainda parcialmente dominada por modelos importados, a filosofia e a história da psicanálise atingiram a maioria no Brasil. Essas disciplinas passaram a se desenvolver com base em linhas de pesquisa criadas no país e conseguem resultados que satisfazem os melhores critérios internacionais, como se vê das recentes publicações dos trabalhos de Leopoldo Fulgencio nas melhores revistas do exterior.

*Zeljko Loparic*